

RADICALISMO ÉTICO: A FILOSOFIA CÍNICA DA GRÉCIA ANTIGA

ETHICAL RADICALISM: THE CYNIC PHILOSOPHY OF ANCIENT GREECE

Daniel Richardson de Carvalho Sena¹

Resumo: Este texto teve por objetivo discorrer sobre o cinismo grego antigo, abordando aspectos como suas origens, atributos, repúdio às tradições e similaridades com outras escolas de sua época. A escola cínica possuía uma doutrina essencialmente moral, sua tese fundamental consistia em alcançar a felicidade, entendida como virtude. Fora da virtude não existem bens, desse modo, uma das mais fortes características do cinismo é o desprezo pela riqueza, pelos prazeres e pelas convenções humanas. A virtude encontra-se nas ações, não havendo necessidade de muitas palavras, nem de muitos conhecimentos para se alcançar a excelência moral. Assim, o caminho traçado pelos filósofos cínicos confunde-se com o seu modo de vida e de suas ações cotidianas, que, na maioria das vezes, são levadas ao extremo.

Palavras-chave: Virtude. Radicalismo. Autonomia. Liberdade.

Introdução

O pensamento grego antigo é marcado por diversas vertentes e linhas de pensamento (cosmologia, metafísica, política e ética) as quais, longe de constituírem um cânone filosófico unívoco e consensual, aponta para o embate e contraposição de ideias, o que contribui justamente para a profundidade e riqueza de suas reflexões.

Nesse mosaico, o cinismo aparece como filosofia que, para além das censuras prévias que lhe são impostas, apresenta proposições filosoficamente consistentes e rígidas, constituindo-se num rigoroso modo de vida, pautado numa ética que possui a independência como um de seus princípios fundadores.

Assim, para se ter uma real dimensão de suas proposições, é preciso observar com maior atenção os atores e ideias que ajudaram a constituir uma filosofia que, longe dos estigmas históricos que lhe foram infligidos, como o de ser uma filosofia menor, apresenta formas diferentes de entendimento sobre conceitos como liberdade, autonomia e virtude.

Origens e representantes do cinismo

¹ Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas, Brasil (2014). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil. daniel.sena@ifam.edu.br

As origens do Cinismo reportam-se ao século IV a.C., ainda no Período Clássico da Filosofia grega antiga (Século V-III a. C.), precisamente à época de Sócrates, quando a reflexão filosófica passa a abordar predominantemente questões relativas ao homem, abrangendo, portanto, problemas morais.

Além do célebre Platão, Sócrates² houve vários discípulos como, Aristipo, Euclides, Fédon e Antístenes (CORDERO, 2011, p.157). É sabido que após a morte de Sócrates seus seguidores se dividiram e instituíram várias escolas, que criadas por seus discípulos menos conhecidos são habitualmente chamadas de Escolas Socráticas Menores, devido ao esplendor alcançado pela Academia platônica. Mondin (2008, p. 54-55) explica que dentre as Escolas Socráticas Menores, as mais importantes são a Megárica, que aproximava o pensamento socrático à filosofia eleática, a Cirenaica, que afirmava o hedonismo como princípio supremo, e a Cínica, que propunha uma vida radicalmente simples.

A escola Cínica surgiu na Grécia em meados do século IV a. C., sua fundação é atribuída a Antístenes, nascido em Atenas (445 a. C.- 365 a.C.), um dos discípulos diretos de Sócrates. Conforme Abbagnano (1998, p. 141), o cinismo tem seu nome derivado do Ginásio Cinosargos (cão ágil), local em que Antístenes teria desenvolvido sua doutrina.

Parece provável que a denominação dada à doutrina cínica, deriva do nome desse ginásio ou de um ideal de conduta conforme a vida canina. Porém, a palavra cinismo passou à posteridade com uma caracterização pejorativa, referente à conduta de pessoas descaradas ou desaforadas que troçam e agem com sarcasmo em relação à vida alheia. Tal distinção, porém, está distante do significado filosófico do termo.

Apesar de a origem da escola cínica ser imputada a Antístenes, sem dúvida seu mais célebre expoente foi Diógenes de Sinope (404 ou 412 a.C.-323 a.C.) conhecido também como Diógenes “o Cínico” ou simplesmente Diógenes “o Cão”, considerado um símbolo deste movimento. Segundo Cordero (2011, p. 203), o que se sabe sobre Diógenes provém de

² Reale e Antiseri (1990, p. 86-87) argumentam que Sócrates não escreveu nada, sua mensagem foi transmitida pela palavra viva. Foram seus discípulos que fixaram por escrito uma série de doutrinas a ele atribuídas. Tais doutrinas, entretanto, frequentemente não concordam entre si ou se contradizem. As principais fontes de Sócrates, sejam de discípulos ou não, se encontram em Aristófanes (representação caricatural), Xenofonte (idealização da perfeição humana), Platão (Sócrates como porta-voz de suas próprias doutrinas), Aristóteles (relatos ocasionais e objetivos, porém, não foram contemporâneos) e os Socráticos Menores (abordagem limitada a aspectos parciais). As dificuldades em estabelecer um Sócrates verdadeiro são muitas, porém, é possível remeter a Sócrates, com elevado grau de probabilidade, aquelas doutrinas que a cultura grega recebeu no momento em que este atuava em Atenas e que os documentos creditam a ele, bem como seu peso no desenvolvimento de pensamento grego em geral.

histórias, relatos e anedotas. Essas narrativas são quase que folclóricas e devido ao seu radicalismo tornaram-se célebres.

Conforme Laértios (1987, p. 173-178), além de Diógenes, o cinismo também possuiu outros representantes menos conhecidos como Mônimos de Siracusa e Crates nascido em Tebas, discípulos de Diógenes. Fazem parte desta escola ainda, Hiparquia, mulher de Crates, Metroclés, Bión de Boristenes, Mênipos de Gadara na Fenícia, Teletes e Menedemos.

Virtude e Autarquia

Em oposição ao pensamento da escola de Platão, com caráter predominantemente metafísico, gnosiológico e político, a Escola Cínica possuía uma doutrina essencialmente moral. Os cínicos desprezavam as ciências como a física e a matemática. Dedicavam-se totalmente à ética. Não faziam caso também da geometria, da música e de outros assuntos similares. Diógenes de Sinope afirmara que “não devemos dar importância à música, à geometria ou à astronomia, por serem saberes inúteis e desnecessários” (LAËRTIOS, 1987, p. 171).

Para os seguidores desta tradição o fim do filosofar seria praticar e alcançar a virtude ou excelência moral, pois apenas por meio da virtude seria possível se chegar a uma felicidade verdadeira.

Sobre a excelência cínica, Laértios (1987, P. 155) expressa os ensinamentos de Antístenes: a excelência pode ser ensinada e apenas os homens excelentes podem ser nobres; a excelência é suficiente para assegurar a felicidade, pois ela não precisa de coisa alguma a não ser da firmeza; a excelência está nas ações e não é preciso nem muitas palavras, nem muitos conhecimentos; o sábio é autossuficiente, pois todos os bens dos outros são seus; a ausência da glória é uma bem; a excelência é um bem de que não se pode livrar.

Nessa perspectiva, o filósofo cínico faz de suas ações sua própria filosofia, não existindo oposição entre teoria e prática. Abbagnano afirma que:

A tese fundamental do cinismo é que o único fim do homem é a felicidade e que esta consiste na virtude. Fora da virtude não existem bens, de modo que foi característica dos cínicos o desprezo pela comodidade, pelas riquezas, pelos prazeres, bem como o mais radical desprezo pelas convenções humanas em geral, por tudo o que afasta o homem da simplicidade natural de que os animais dão o exemplo. (ABBAGNANO, 1998, p. 141-142).

O desapego, referente aos bens materiais, e a independência em relação ao mundo em sua volta são fortes características do pensamento cínico. Perguntaram a Antístenes qual a vantagem que tirara de sua filosofia, sua resposta foi: “Poder falar comigo mesmo” (LAËRTIOS, 1987 p, 154). Percebe-se que no cinismo o sábio basta a si mesmo. Assim, a conquista da virtude é o objetivo central da vida, que ocorreria por meio da eliminação de tudo aquilo considerado supérfluo.

O filósofo cínico assegurava que o ser humano possuía tudo o que precisava para viver e que não ter necessidade de nada era o ponto distintivo do homem filósofo e sábio. Desse modo, o fato de bastar-se a si mesmo consiste numa perfeição da qual apenas o sábio é capaz. O não ter necessidade de nada é chamado de autarquia, ou seja, a condição de autossuficiência do sábio, a quem basta apenas ser virtuoso para ser feliz.

Os cínicos pregavam uma vida frugal, comendo apenas alimentos suficientes para a manutenção da vida. Vestiam roupas simples (muitas vezes trapos), desprezavam a fama, a riqueza e a nobreza de nascimento. Por meio de uma rígida conduta a excelência moral era adquirida, e quando isso ocorria não era mais possível perdê-la.

Uma das características da conduta cínica, neste caminho, é o ininterrupto esforço e o assíduo trabalho (*ponos*) por parte do homem. O trabalho está intrinsecamente ligado à virtude. Reale e Antiseri (1990, p. 104) explicam que o lugar do trabalho no pensamento cínico possui diversas funções como o combate aos prazeres, a renúncia à fama, o abandono das comodidades oriundas da riqueza e, até mesmo, o rompimento com as leis da cidade. Este juízo sobre o trabalho possuía tanta importância no cinismo que Antístenes dedicou sua escola a Hércules (ou Hércules), o herói dos trabalhos impossíveis.

Os cínicos pregavam que o homem deveria adquirir a sabedoria como parte do itinerário para a excelência. Porém, ressalta Mondin (2008, p. 55) que Antístenes advertia a existência de dois grandes obstáculos para a obtenção da sabedoria: o prazer e o orgulho. O prazer compromete a autossuficiência (autarquia), já o orgulho, seria um entrave para se adquirir a sabedoria, por impedir o homem de conhecer seus próprios defeitos e limites.

O autodomínio e a supressão de todos os prazeres pregados pelos cínicos podem ser vistos com todo seu radicalismo através de duas conhecidas máximas atribuídas a Antístenes, fundador desta escola: “Eu preferiria enlouquecer do que sentir prazer” e “Se pudesse ter Afrodite entre as mãos, eu lhe daria uma flechada” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 104).

Uma maneira de dominar e de desprezar os prazeres baseava-se numa espécie de método que consistia no exercício e na fadiga, isto é, numa prática capaz de disciplinar o espírito para conduzi-lo à liberdade e à virtude.

Em relação ao orgulho, alguns episódios envolvendo Diógenes de Sinope são bastante ilustrativos. Por exemplo, durante uma festa a Dionísio, Platão havia oferecido uma recepção, quando Diógenes entra no recinto e pisa em seu tapete, diz: “piso na vanglória de Platão”. A resposta de Platão teria sido: “quanto orgulho demonstras, Diógenes, mesmo querendo parecer imune a ele” (LAÊRTIOS, 1987, p. 159).

Laêrtios (1987, p. 159) citando o relato de Mênipos, outro expoente da escola cínica, narra que em uma ocasião Diógenes foi capturado e posto à venda. Perguntaram-no o que sabia fazer. Ele teria dito: “comandar homens”. E deu ordem ao leiloeiro de escravos para chamá-lo para o caso de alguém querer comprar um senhor. Diógenes parecia ter prazer em agir de tal maneira, isto é, uma espécie de orgulho às avessas, um tipo de altivez em expor sua miserável condição.

O caminho traçado pelo filósofo cínico confunde-se com o seu modo de vida e de suas ações cotidianas, não sendo raros os exemplos de atos extremos. Os vários relatos sobre Diógenes de Sinope mostram, com certa dose de humor, todo esse radicalismo.

Reale e Antiseri (1990, p. 231) narram que Diógenes perambulava com uma tocha acesa durante o dia pelas ruas, nos lugares mais movimentados, pronunciando: “procuro o homem”. Diógenes, por meio deste manifesto ato irônico, buscava o homem que vive na mais autêntica virtude e que para além de todas as convenções humanas, sabe encontrar sua verdadeira natureza e, por conseguinte, a felicidade.

Um dos únicos bens que possuía era uma cuia para beber água e, ao ver uma criança retirando água com as mãos, jogou-a fora: “um menino me deu uma lição de simplicidade” (LAÊRTIOS, 1987, p. 161). Ele teria jogado fora também uma bacia ao ver uma criança, que quebrara um prato, comer lentilhas com a parte côncava de um pedaço de pão. Laêrtios afirma que Diógenes raciocinava da seguinte maneira: “Tudo pertence aos deuses, os sábios são amigos dos deuses, os bens dos amigos são comuns, logo, tudo pertence aos sábios” (LAÊRTIOS, 1987, p. 161).

Uma das melhores representações para ilustrar que o cínico necessita do mínimo para viver é a moradia de Diógenes: um tonel. Conta Laêrtios (1987, p. 158) que Diógenes escreveu

a alguém pedindo para lhe conseguirem uma pequena casa. Devido à demora por uma resposta, passou a dormir num tonel.

Certa vez, alguém havia o levado para cear numa casa luxuosa, pertencente a uma pessoa de alta posição social. Ao chegar, porém fora advertido de não cuspir no chão. Imediatamente, Diógenes pigarreou e cuspiu no rosto do anfitrião, explicando não ter encontrado lugar mais adequado para cuspir (LAËRTIOS, 1987, p. 160).

Todo o extremismo de Diógenes frente às convenções sociais e às vaidades humanas, executado não apenas por meio de palavras, mas também por meio de ações, parecem na verdade, uma forma de denunciar as diversas paixões que afetam o espírito como o orgulho, a busca pelo prazer, o amor pela riqueza, a sede de poder e o desejo por fama e bajulação. Essas paixões não passam de ilusões e mostram toda a superficialidade e hipocrisia do gênero humano. Para o cínico apenas a excelência moral e a autossuficiência podem proporcionar uma felicidade verdadeira.

A Apatia

Conforme Abbagnano (1998, p.71), a expressão apatia possui comumente o significado de insensibilidade, entretanto, seu uso filosófico, na antiguidade, nomeou o ideal moral dos cínicos e também o dos estoicos. Esse termo designa a indiferença e o desprezo em relação a todas as emoções.

Entretanto, a indiferença e desprezo só podem ser alcançados mediante o exercício da virtude. Nessa perspectiva, a insensibilidade não seria um dom natural e inato, mas um intento de vida difícil de alcançar. Assim, para enfrentar as vicissitudes intrínsecas à vida, os cínicos propunham a apatia, a ausência de paixões como caminho a ser percorrido.

Para o cínico é preciso cultivar a não afetação. Laértios (1987, p. 164) narra que Diógenes de Sinope pedia esmolas a estátuas e quando alguém lhe perguntava a razão de tal atitude, Diógenes lhe explicava que agia daquela forma para habituar-se a pedir em vão.

A filosofia cínica aponta a necessidade de exercícios para enfrentar as adversidades da vida. Conta-se que Diógenes “no verão rolava sobre a areia quente, enquanto no inverno abraçava as estátuas cobertas de neve, querendo por todos os meios se acostumar às dificuldades” (LAËRTIOS, 1987, p. 159).

Esses exemplos mostram o que foi dito anteriormente: a apatia não é um dom inato. Ela também não consiste numa doutrina, isto é, não pode ser adquirida pela ciência, mas advém de um estilo de vida que tem por finalidade superar as adversidades.

A apatia cínica é entendida como a qualidade que caracteriza o sábio, uma particularidade que permite ao indivíduo não estar sujeito à influência de algo externo. Para um verdadeiro sábio o mundo exterior não deve interferir na tranquilidade da alma.

Esse ideal moral é uma condição para a efetivação da ataraxia,³ conhecida como imperturbabilidade da alma ou ainda como firmeza de espírito, um ideal presente não apenas no cinismo, mas também nas demais escolas helenísticas. É possível afirmar que é a apatia quem conduz à autossuficiência ou autarquia⁴, um dos pilares do cinismo.

A Liberdade

A conduta dos representantes da escola cínica denota uma imensa liberdade, pois quanto mais se eliminam as necessidades, mais se é livre. O conceito de liberdade professado pelos cínicos expressa-se, predominantemente, como liberdade de palavra (*parrhesía*) e liberdade de ação (*anáideia*).

Para os cínicos, a Liberdade da palavra (*parrhesía*) apresenta-se como um procedimento corajoso de expor a verdade sem intimidação, causando, muitas vezes, um choque moral no interlocutor. A atividade da conversa em articulação com a conduta tomou um rumo radical com o cinismo, pois os filósofos dessa escola construíram um pensamento embasado numa prática comportamental e não em escritos ou em reflexões abstratas como seus contemporâneos. Pode-se afirmar que é por meio da liberdade da palavra que o cínico é reconhecido.

A metodologia socrática, de falar de maneira franca tendo em vista destruir falsas opiniões e se chegar a verdades, está na raiz do cinismo. Entretanto, tal atividade adquire traços radicais que vão muito além da busca por conhecimento. Pinheiro (2011, p. 250) observa que frente à dialética socrática, os cínicos intensificam com contornos violentos a forma de apresentação da verdade de cada um de seus interlocutores e diminuem muito o uso da ironia,

³ Abbagnano (1998, p. 95) explica que a ataraxia é um termo usado primeiramente por Demócrito, depois pelos epicuristas e pelos estoicos para designar o ideal da serenidade ou imperturbabilidade da alma, em decorrência do domínio sobre as paixões ou da extirpação destas.

⁴ Conforme Cordero (2011, p. 208-209), a autarquia ou autossuficiência é a situação própria de quem se basta com o que tem, especialmente em âmbito íntimo, por oposição à posse de bens exteriores.

utilizando o aspecto pedagógico do choque direto com a verdade. A ironia socrática é, a princípio, mais branda, do que a *parresía* cínica, porém, quando revelada é tão insultuosa quanto os atos de liberdade de fala cínicos. Mesmo assim, a coragem para a *parresía* exigida pelos cínicos é equivalente àquela exigida pela conversa socrática.

Com os cínicos, a palavra é usada de forma impetuosa, seja frente a indivíduos simples ou em relação a pessoas poderosas e influentes. Laêrtios (1987, p. 163) narra que conforme relatos de Dionísio, o estoico, após a batalha de Queroneia, Diógenes de Sinope, foi detido e levado à presença de Felipe da Macedônia. Este ao lhe perguntar quem ele era, Diógenes o respondera: “um observador de tua ambição insaciável”. Por esta resposta Diógenes teria conquistado a admiração do rei e sua liberdade.

Uma das mais famosas histórias de Diógenes também relatada por Laêrtios (1987, p. 162), ocorreu quando Alexandre, O Grande, coloca-se em frente ao filósofo, que tomava sol ao Crainêlon, e oferece-lhe, como prova do respeito que nutria por sua pessoa, a realização de um desejo, qualquer que fosse, caso tivesse algum. Diógenes o teria dito: “Deixa-me o meu sol!”. Parece que para Diógenes, o poder de Alexandre não poderia lhe oferecer nada, pois a felicidade é algo que vem de dentro e não de fora.

Ghiraldelli Jr (2011, p. 29) realça que o ato frente ao imperador em si foi desrespeitoso, porém, sua mensagem mais ainda, pois demonstra que o filósofo cínico de nada carece. De modo que, o que foi dito pode ser interpretado de várias formas: primeiramente, pela existência de uma sabedoria restrita aos filósofos e aos deuses (sol), não permitindo a interferência de reis; também pode ser compreendido pelo fato de a luz incidir diretamente no filósofo, não cabendo ao poder de imperadores lhe fazer qualquer sombra; e ainda, como o filósofo tem tudo o que precisa, pois está em contato direto com a luz (o divino), o poder dos reis não pode lhe oferecer nada, apenas retirar.

Essa resposta franca do cínico, carregada de ironia e agressividade, denota o caráter comportamental de sua conduta. É por meio da prática da liberdade de palavra (*parrhesía*), imbricada ao seu modo de vida que o cínico exerce sua soberania e plenitude existencial.

Quanto à liberdade de ação (*anáideia*), os cínicos também chegavam a extremos, até mesmo em “fazer o que diz respeito à Afrodite em plena luz do dia” (REALE; ANTISERI, 1990, P. 232), como em outro episódio narrado por Laêrtios (1987, p. 169-170): Diógenes, certa vez, masturbava-se em plena praça do mercado e afirmava que seria bom se esfregando o

estômago, também passasse a fome. A alguém que o havia censurado por tal ato, ele perguntou: Se sentires fome ou sede será preciso saciá-las escondido?

Sobre essa passagem, parece haver um paradoxo, pois, como foi dito anteriormente, o cínico foge do prazer. Porém, o ato da masturbação é realizado para a obtenção de prazer e não apenas pela necessidade de saciar o próprio ventre. Todavia, essa controversa narrativa sobre a masturbação de Diógenes, na praça do mercado, pode ser compreendida também como um ato de ironia, tendo em vista escandalizar. Além disso, é possível ainda entender tal ato como uma forma de fatigar o corpo, pois a fadiga era tida como uma prática capaz de disciplinar o espírito para conduzi-lo à liberdade.

Por sua vez, Michel Onfray compreende que o ato de se masturbar em público, além da função de escandalizar, mostra também uma forma radical de seguir os ditames da natureza:

[...] tratava-se de fazer o elogio da *phýsis* contra o *nomos*, de oferecer o caminho a seguir para praticar como bom filósofo capaz de compreender a necessária indexação de seu comportamento pela natureza, de recusar a cultura, de tomar os animais como modelo e descartar as abjurações da lei, da moral, do bem e do mal, do vício e da virtude promulgadas pela ordem social e tomadas em coro pela maioria (ONFRAY, 2008, p. 132-133).

A prática da liberdade de ação incluía além da masturbação, a excreção e o ato de soltar flatos em via pública. Entretanto, essas práticas também não se limitavam simplesmente ao escárnio, existiria um propósito em ações tão extremas.

Sobre soltar flatos em público, um relato do historiador romano Juliano demonstra que tal ato costumava ser executado pelos cínicos como forma de protesto, expressando críticas às opiniões convencionais:

Certa vez quando Diógenes estava numa multidão de pessoas um jovem soltou flatos. Diógenes o cutucou com seu bastão e disse: E então desprezível infeliz, embora não tenha feito nada que lhe desse o direito de tomar tais liberdades em público, está começando aqui e agora a mostrar desprezo pela opinião? (KRUEGER, 2007, p. 256).

Krueger (2007, p. 256) ressalta que os cínicos usavam as funções corporais como uma forma de linguagem. Porém, como esse exemplo ilustra, a vulgaridade não faz de ninguém um cínico. Diógenes ataca o jovem não pelo ato de soltar flatos em público, mas por fazê-lo apenas por sarcasmo, e não por demonstração de contestação ou por desprezo pela sociedade e seus costumes.

O Cinismo e a Polis

A pedra basilar da cultura grega clássica consistia na ideia de Polis, o centro político e a referência principal da reflexão filosófica. Conforme a cultura da época, a excelência humana seria alcançada por meio do exercício político, isto é, através da participação na vida social.

A escola cínica incorre numa drástica ruptura com o sentimento comum, isto é, opera certa inversão de valores em relação ao pensamento do homem grego no que diz respeito ao ideal político e cultural, pois em sua doutrina não existe a preocupação com o coletivo, com a coisa pública nem como ideal da cidadania. Os cínicos refutam as identidades ligadas aos costumes das Cidades Estados.

Moles expressa o cosmopolitanismo do pensamento cínico em contraposição a Polis: “nem a Polis nem a distinção racial significam qualquer coisa para os Cínicos, afirma-se com frequência que é possível viver a vida cínica em qualquer lugar da terra e que “toda terra” é o Lar do Cínico” (MOLES, 2007, p.127).

Antístenes pregava que o sábio não deve seguir as leis da cidade, mas viver de acordo com a virtude (LAËRTIOS (1987, p. 155). Dessa maneira, a própria cidade era contestada: o cínico proclamava-se cidadão do mundo, pois a sociedade cria ilusões que fazem obstar a liberdade e fortalecer as cadeias da escravidão.

Reale e Antiseri, citando o cínico Crates, expõem com extraordinária clareza o desprezo do cínico pela Polis:

O cínico deve ser apolide, porque a Polis é expugnável e não o refúgio do sábio. A Alexandre, que perguntava se queria que sua cidade natal fosse reconstruída, respondeu: e pra que serviria? talvez outro Alexandre a destruísse. E numa obra escreveu: minha pátria não uma só torre ou um só teto, mas onde é possível viver bem, em qualquer ponto de todo o universo, lá será minha cidade, lá será a minha casa (REALE; ANTISERI, 1990, p. 234).

Além da contestação da razão de ser da Polis, os valores e costumes socialmente cultivados também eram destituídos de importância para os cínicos. Até mesmo o matrimônio e a família eram vistos de forma diferente, como mostra esta passagem sobre Diógenes de Sinope:

Diógenes ridicularizava a nobreza de nascimento, a fama e similares, chamando-as de ornamento ostentatório do vício. A única organização política correta é a universal. Defendia a comunidade das mulheres, e não reconhecia outro casamento além da

união do homem que persuade com a mulher que se deixa persuadir. Consequentemente, os filhos devem ser também comuns (DIÓGENES LAÉRTIOS, 1987, p. 170).

Essas considerações tornam possível afirmar que o cinismo, sem dúvida, foi a mais anticultural doutrina filosófica da Grécia antiga e talvez a de todo ocidente. Além disso, também mostram que os cínicos romperam com a imagem clássica do homem grego, não apenas pelo desprezo à Polis, mas também aos valores constituídos e aos os padrões estabelecidos pela sociedade.

O Cinismo e as outras escolas gregas helenísticas

Apesar de ter surgido ainda no Período Clássico, o cinismo chegou a ser contemporâneo das chamadas escolas helenísticas: Estoicismo, Epicurismo e Ceticismo. É possível encontrar alguns pontos convergentes do cinismo em relação a certos aspectos morais das respectivas escolas.

O período Helenístico da Filosofia grega antiga é marcado pelo desaparecimento da Polis como centro político, fato que opera uma mudança radical na construção do pensamento antigo. Sua queda, oriunda do domínio macedônico, realizou uma verdadeira transformação no modo de viver do homem grego, isto é, as reflexões que antes possuíam um caráter público, passam a seguir a tônica de uma ética pessoal.

O Estoicismo, escola fundada por Zenão de Cítio (333-261 a. C), discípulo do cínico Crates, possuía uma ética pautada em viver de acordo com a natureza, buscando a virtude por meio do esforço pessoal e pelo autocontrole, entendido como moderação ou supressão das paixões. Por meio dessa conduta, seria possível alcançar a felicidade. Os ideais de autarquia (autodomínio) e apatia (ausência de paixões) dessa escola, portanto, estão bastante próximos do pensamento cínico.

Já a Escola Epicurista, oriunda de Epicuro de Samos (341-270 a. C), que professava ser o prazer da alma o caminho para uma vida feliz, considerava as ilusões humanas vãs e potenciais fontes de infelicidade. Sob esta ótica, os epicuristas se avizinhavam do julgamento cínico sobre os infortúnios humanos. Nesse sentido, alguns princípios da conduta epicurista estariam bastante próximos do cinismo:

[...] os princípios que um epicurista deveria adotar quanto às satisfações dos desejos, às atitudes em relação à sociedade, a autossuficiência e liberdade têm muito em comum com os preceitos cínicos: essa afinidade é percebida mais claramente no tom satírico de máximas epicuristas, muitas das quais chamam atenção para a vaidade de motivações humanas convencionais (LONG, 2007, p. 40).

É possível também encontrar alguns elementos comuns ao cinismo em outra escola helenística, o Ceticismo, porém bem menos acentuados. Essa escola, criada por Pirro de Élis (360-270 a. C), possuía como premissa a impossibilidade de algum conhecimento seguro, estável ou absolutamente verdadeiro. Os céticos afirmavam não poder se conhecer a natureza das coisas. Desse modo seria preciso buscar a suspensão do juízo (*epoché*) e a imperturbabilidade da alma (*ataraxia*), uma espécie de ausência de inquietude.

Este último ponto, a busca pela imperturbabilidade da alma converge com o pensamento cínico, pois a escola cínica também pregava a indiferença aos valores mundanos. Tal conduta contribuiria para a promoção de um estado de tranquilidade interior. As narrativas envolvendo os seguidores do cinismo expõem diversos exemplos de calma e até de indiferença frente a situações adversas, atitudes estas, próximas dos ideais céticos.

Avalia-se que o fato de cínicos, estoicos, epicuristas e céticos compartilharem alguns princípios possa ser atribuído ao “espírito grego” da época. Isto é, com a perda da autonomia das Cidades Estados a participação na vida pública perde espaço para o interesse pessoal, no sentido de constituir os meios para garantir sua plenitude enquanto indivíduo. Assim, as correntes que compõem a filosofia helenística compartilham uma oposição intensa à filosofia clássica e suas doutrinas tencionam traçar caminhos capazes de conduzir à felicidade, também chamada de “medicina da alma”.

Considerações Finais

É possível afirmar que o Cinismo foi um autêntico movimento filosófico e cultural e não apenas um simples modo de viver. De acordo com Cordero (2011, p. 201) os cínicos representam fielmente o sentido que teve a filosofia desde suas origens: a busca por estabelecer as bases de um modo de vida.

Porém, o cinismo não chega a ser uma escola filosófica tradicional se comparada a outras existentes na antiguidade grega, pois os seguidores dessa tradição não se reuniam em um

lugar específico, tendo em vista discutir seus princípios, nem possuíam um cânon constituído, apesar de sua tônica moral.

Além disso, os cínicos, apesar de alcançarem certa popularidade em sua época, não possuíam a vitalidade das outras tradições filosóficas da Grécia Antiga. Isso pode ter ocorrido devido a alguns pontos. Conforme Reale e Antiseri (1990, p. 235), o radicalismo cínico que a nada poupava, somado ao fato de reduzir o homem a sua mais austera animalidade (restringindo suas necessidades ao básico), causavam uma verdadeira destruição das bases culturais. Por sua vez, a tradição cínica não propunha valores capazes de substituir os que eram contestados.

Os cínicos também se mostravam indiferentes às convenções humanas e até rejeitavam a ciência e a cultura. A vida cínica se concretizava numa conduta totalmente livre, sem regras, em que se falava e agia de maneira radicalmente livre. Nessa perspectiva, as convenções humanas e os conhecimentos culturais e científicos são completamente inúteis para a vida prática.

Por fim, seus pressupostos mostravam-se carentes de teorização e de sistematização em torno uma doutrina. Sua força residia em ações espontâneas e desmedidas que de certa maneira culminavam em excessos, que bem poderiam explicar a origem da carga pejorativa que o termo cínico hoje possui. Para o cínico, não havia sentido uma vida submetida apenas à teoria.

O que se sabe sobre os cínicos é produto de fontes não cínicas, em sua grande parte de críticos de suas ideias. Entende-se que muitas histórias envolvendo os representantes da escola cínica, especialmente Diógenes, são exageradas ou inverossímeis, repletas de metáforas, que podem até ser consideradas folclóricas. Entretanto, essas narrativas contribuíram para que os pressupostos da Escola Cínica chegassem aos dias atuais, despertando interesse e se tornando objeto de estudo.

Abstract: This writing aims to discuss the ancient Greek cynicism, covering aspects such as its origins, attributes, repudiation of traditions and similarities with other schools of his time. The Cynic school had an essentially moral doctrine, its basic thesis was to achieve happiness, understood as a virtue. Out of virtue there are no goods thus one of the strongest features of cynicism is the contempt for wealth, pleasures and human conventions. Virtue is in the actions, there is no need of many words nor much knowledge to achieve moral excellence. Thus, the path traced by the Cynic philosophers confused with their way of life and their daily actions, which, in most cases, are taken to the extreme.

Keywords: Virtue. Radicalism. Autonomy. Freedom.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 2ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CORDERO, N. L. **A invenção da Filosofia**. São Paulo: Odysseus, 2011.

GHIRALDELLI JR, P. **Como a filosofia pode explicar o amor**. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

KRUEGER, D. O indecente e a Sociedade: o despudor de Diógenes na cultura imperial romana. In GOULET-CAZÉ, M, BRACHAT BRANHAM, R. (Orgs.). **Os Cínicos**: o movimento na Antiguidade e o seu legado. São Paulo: Loyola, 2007.

LAËRTIOS, D. **Vida e Doutrina dos Filósofos ilustres**. Tradução do grego de Mário da Gama Kury. 2. Ed., Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

LONG, A. A. Diógenes, Crates e a ética Helenística. In GOULET-CAZÉ, M, BRACHAT BRANHAM, R. (Orgs.). **Os Cínicos**: o movimento na Antiguidade e o seu legado. São Paulo: Loyola, 2007.

MOLES, J. L. Cosmopolitismo Cínico. In GOULET-CAZÉ, M, BRACHAT BRANHAM, R. (Orgs.). **Os Cínicos**: o movimento na Antiguidade e o seu legado. São Paulo: Loyola, 2007.

MONDIN, B. **Curso de Filosofia Volume I**. 15ª Edição. São Paulo: Paulus, 2008.

ONFRAY, M. **Contra-história da Filosofia**: as sabedorias antigas, I. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PINHEIRO, M. R. **Ascese cínica e a oposição nómos e phýsis**. Rio de Janeiro: PUC. Revista O que nos faz pensar nº 30, 2011.

REALE, G, ANTISERI, D. **História da Filosofia Vol. 1 - Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.